

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

ARMANDO SALDANHA

**Gênero e esporte: Estudo sobre um grupo de futsal misto no âmbito do
lazer em Porto Alegre**

Porto Alegre

2020

ARMANDO SALDANHA

**Gênero e Esporte: Estudo sobre um grupo de futsal misto no âmbito do
lazer em Porto Alegre**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para a conclusão
do curso de Licenciatura em Educação Física
da Universidade Federal do Rio Grande do
Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Raquel da Silveira

Porto Alegre

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof^o. Dr^o. Carlos André Bulhões

Vice-Reitora: Prof^a. Dr^a. Patricia Pranke

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

Diretora: Prof.^o Ricardo Demétrio de Souza Petersen

Vice-Diretor: Prof.^a Luciana Laureano Paiva

CIP - Catalogação na Publicação

Saldanha, Armando
Gênero e Esporte: Estudo sobre um grupo de futsal
misto no âmbito do lazer em Porto Alegre / Armando
Saldanha. -- 2020.
55 f.
Orientadora: Raquel da Silveira.

Coorientadora: Mauro Myskiw.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de
Educação Física, Licenciatura em Educação Física,
Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Gênero. 2. Esporte. 3. Futsal. 4. Futsal Misto.
5. Equidade. I. da Silveira, Raquel, orient. II.
Myskiw, Mauro, coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança

Rua Felizardo, Nº 750

Bairro Jardim Botânico, Porto Alegre, RS

Telefone: (051) 33085834

E-mail: esef@esef.ufrgs.br

Armando Saldanha

**Gênero e Esporte: Estudo sobre um grupo de futsal misto no âmbito do
lazer em Porto Alegre**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito
para a conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física na
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof.^a Dr.^a Raquel da Silveira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^o Dr.^o Mauro Myskiw - Examinador

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Agradeço minha família por estar sempre presente em minha vida. Principalmente pais, irmãos, esposa e nossa filha Cecília.

Agradeço também minha Professora Orientadora Raquel, pela excelência na orientação, assim como pela sua paciência e dedicação.

Agradeço colegas e amigos que tive durante minha trajetória acadêmica, contribuindo também em minha formação.

Agradeço ao grupo denominado “Futsal Misto” por me proporcionar a oportunidade de agregar conhecimentos a minha caminhada pessoal e profissional.

Por fim agradeço aos funcionários da Universidade e demais professores que tive o prazer de ser aluno.

“A educação deveria ensinar, antes de mais nada, que somos todos dependentes um dos outros”.

Dalai Lama

RESUMO

Este trabalho investiga um grupo que pratica futsal de maneira mista como lazer, na cidade de Porto Alegre. Aborda questões de gênero em um esporte tão generificado como é o futebol, principalmente no Brasil. O objetivo, então, foi buscar compreender as relações fora e, principalmente, dentro da quadra, entre estes homens e mulheres, analisando como acontece o jogo deste grupo de pessoas. Para isto, utilizei como metodologia, a pesquisa qualitativa, me apropriando de ferramentas deste campo, como observações de jogos e entrevistas semiestruturadas com seis participantes do grupo. Com as informações obtidas, formei duas categorias de análise: Jogo Pegado x Jogo Tranquilo e Equidade. Constatei que o grupo encontrou um caminho do meio entre o competir e o 'jogar tranquilo', esperando-se de cada participante, bom senso em suas ações, para que as diferenças existentes no grupo sejam tratadas com equidade.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Esporte. Futsal. Futsal misto. Lazer. Equidade.

ABSTRACT

This work investigates a group that practices futsal in a mixed way as leisure, in the city of Porto Alegre. It addresses gender issues in a sport as generalized as football, especially in Brazil. The objective, then, was to seek to understand the relationships outside and, mainly, inside the court, between these men and women, analyzing how the game of this group of people happens. For this, I used qualitative research as a methodology, appropriating tools from this field, such as game observations and semi-structured interviews with six group participants. With the information obtained, I formed two categories of analysis: "Pegado" x Quiet Game and Equity. I found that the group found a middle way between competing and 'playing it easy', each participant was expected to have common sense in their actions, so that existing differences in the group are treated fairly.

Keywords: Genre. Sport. Futsal. Mixed futsal. Recreation. Equity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 A trajetória distinta dos homens e mulheres no futebol	14
2.2 Diferentes significados atribuídos ao esporte	17
2.3 Esporte misto: homens e mulheres participando juntos... É possível?	19
3. METODOLOGIA	24
4. RESULTADOS	29
4.1 Sobre o grupo	29
4.2 Jogo Pegado x Jogo Tranquilo	37
4.3 Equidade na partida de futsal misto	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
6 REFERÊNCIAS	51
7 APÊNDICES	54
APÊNDICE A- Roteiro para entrevista semiestruturada	54

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho visa tematizar a prática do futsal misto no âmbito do lazer. Busca aproximar-se de uma compreensão de como ocorre uma partida disputada entre homens e mulheres num esporte tradicionalmente masculino, mas que as mulheres têm se apropriado cada vez mais, principalmente nas últimas décadas.

Os esportes ao longo da história foram atribuídos aos homens por motivos que serão abordados ainda neste trabalho, mas principalmente esportes com contatos físicos, que necessitam aplicação e disputa de força, não eram indicados para mulheres, inclusive, mulheres sofrendo repressão por participar. No Brasil, por exemplo, houve períodos (quase 40 anos) em que até leis existiam proibindo mulheres de praticar esportes, com recomendações médicas inclusive, alegando pôr em risco a saúde delas: “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”, afirmava o Decreto-lei 3.199 de 14 de abril de 1941. Após mudanças legislativas, foi liberado essas práticas para mulheres, mas os efeitos desse período perduraram e perduram até os dias de hoje, e mulheres por muito tempo e ainda, sofrem preconceitos por parte da sociedade, pelo fato do esporte ainda ser generificado, e mulheres que participam de futebol, por exemplo, por muitos e muitas são consideradas como masculinizadas.

As quadras e campos de futebol sempre foram espaço para homens, heterossexuais. Cultura extremamente forte e pouco aberta para as diferentes formas de ser homem e para mulheres. Nas últimas décadas lentamente esse quadro tem sofrido alterações, com mulheres, por exemplo, se apropriando também das quadras e campos de futebol. Mesmo com dificuldades e a passos lentos, mulheres tem quebrado essas barreiras. No futebol profissional, por exemplo, o futebol de homens é televisionado ‘desde sempre’, enquanto o futebol de mulheres tem conquistado seu espaço na televisão lentamente. A diferença salarial do que homens e mulheres recebem para jogar futebol profissional também é tremendamente desigual. No ano de 2019, durante a Copa do Mundo Feminina realizada na França, a ONU apresentou em seu Twitter oficial um dado para demonstrar a brutal diferença: Lionel Messi, astro

mundial do futebol, recebe em um ano, o dobro do pagamento que as 1.693 jogadoras das principais ligas do mundo recebem juntas no mesmo período. O argentino receberia US\$ 84 milhões (R\$ 320 milhões), enquanto as atletas receberiam, juntas, US\$ 42,6 milhões (R\$ 162 milhões).

Já no âmbito do lazer, em uma pesquisa realizada pela Universidade de Campinas (UNICAMP) em 2019, sobre a prática de esportes dos brasileiros/brasileiras no lazer, demonstrou a respeito do futebol jogado por mulheres, que apenas quatro a cada mil mulheres jogam futebol no seu tempo de lazer. Sobre a iniciação esportiva, por exemplo, em dados do extinto Ministério do Esporte, informa que meninos iniciam a praticar esportes com 5 anos de idade, enquanto as meninas iniciam com 11 anos de idade.

Durante minha trajetória acadêmica, tive a oportunidade de ter acesso a trabalhos, dados, discussões e aulas que tematizavam gênero em esportes, assim como nas aulas de educação física escolar, por exemplo. Pude perceber que apontar determinadas características como sendo de um gênero ou de outro, algo que mesmo a ciência de tempos passados afirmou, é fruto de um pensamento que desconsidera toda grande influência histórica-social-cultural no comportamento de homens e mulheres, moldando suas formas de ser. E uma das consequências disto, por exemplo, foi a fragilização das mulheres perante atividades de grande esforço físico, assim os espaços esportivos foram tomados por homens. Assim como aulas de educação física separadas por sexo, onde muitas vezes meninas sequer praticavam esportes. Uma crença que se enraizou na sociedade, condicionando mulheres a afastarem-se de esportes, por muito tempo.

Embora esse quadro esteja em constante modificação nos últimos anos, basta ir em qualquer ginásio esportivo ou parques para ver que homens ainda praticam mais futebol que as mulheres. Também tive a oportunidade de ser aluno na faculdade de dois professores que já realizaram estudos sobre futebol no lazer, Raquel da Silveira, estudando sobre futsal feminino em Porto Alegre (Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre) e Stigger que estudou grupos de futebol em Portugal (Esporte, Lazer e Estilos de Vida: Um estudo etnográfico). Tendo conhecimento destes estudos, assim que iniciei a participar do grupo que

abordarei neste presente trabalho, percebi uma grande oportunidade de estudo, afinal é um grupo que joga futsal em Porto Alegre de maneira sistemática (1x por semana) entre homens e mulheres, possuindo elementos valiosos de estudo sobre esporte e sua trajetória generificada ao longo da história.

Então, busquei aproximar-me de uma compreensão deste fenômeno e a relação entre estes homens e mulheres que participam do grupo denominado “Futsal Misto”, na cidade de Porto Alegre. Os jogos acontecem aos domingos, num ginásio de esportes. São considerados participantes efetivos seis homens e seis mulheres, que pagam uma mensalidade para custear o aluguel da quadra, e formar uma “caixinha” com o que sobra de dinheiro a cada mês, sendo utilizado para eventuais churrascos de confraternização ou até mesmo como já aconteceu, para confeccionar os uniformes do grupo. O grupo possui duas versões de uniforme, cada participante tendo uma versão de cada. A cada domingo são equipes diferentes, escolhida por um voluntário que escala cada time. Há camisas extras, para eventuais convidados que venham para substituir algum dos considerados “mensalistas”.

Então a busca pelo entendimento das relações estabelecidas para que o jogo aconteça desta maneira mista e de como ele acontece norteou essa pesquisa. Para isto, inicialmente realizei uma pesquisa bibliográfica sobre esporte, gênero e seus elementos históricos-sociais. Com objetivo de conhecer o material já escrito sobre os temas envolvidos, sendo auxiliar na análise ao decorrer da pesquisa. O que encontrei foram estudos sobre futebol no lazer, mas separados por sexo, provavelmente por não ser algo tão recorrente, homens e mulheres jogando juntos de maneira sistemática. Mas todos estes estudos recheados de elementos que contribuíram muito para o desenvolvimento deste trabalho. Também encontrei trabalhos que problematizaram as aulas de educação física nas escolas, separadas por sexo. Assim como trabalhos com questionamentos e argumentos consistentes sobre a formação de gênero através da cultura que permeia determinada sociedade.

Em seguida, parti para observação do grupo, sendo um observador-participante, no qual anotava cada detalhe por mim observado antes/durante/pós partida. Devido a pandemia do novo Corona Vírus, os jogos

foram cancelados e tive que partir para uma nova alternativa: entrevistas semiestruturadas com seis dos doze participantes fixos do grupo. A partir destas conversas, pude analisar com ainda mais detalhes o grupo, buscando compreender como se dá a relação entre estes homens e mulheres, tanto no que se refere a relação de amizade como relação esportiva. Encontrei duas categorias de análise ao realizar análise: Jogo Pegado x Jogo Tranquilo e Equidade. Isto é, o grupo encontrou uma maneira de acolher as diferenças existentes entre todos/todas participantes, sejam elas entre pessoas do mesmo sexo ou não, sejam elas diferenças de força ou de qualidade técnica. A palavra que resume essa maneira encontrada é: Bom senso. O grupo encontrou um equilíbrio, um caminho do meio entre o jogar competitivo e o jogar 'tranquilo', no qual evita-se minimizar a vantagem através do uso da força entre os/as participantes, privilegiando que a vantagem sobre o adversário seja pela atuação do coletivo e vitória pessoal sem maiores imposições físicas sob a marcação adversária.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A trajetória distinta dos homens e mulheres no futebol

O futebol é o esporte mais praticado no Brasil. Em pesquisa realizada na plataforma Google sobre os esportes mais praticados no país, encontrei uma pesquisa realizada pelo Ministério do Esporte do país em 2013 (no ano de 2019 este ministério foi extinto pelo Governo Federal), esta modalidade atingiu o percentual de 42,7% de praticantes. Para os homens, o percentual atinge 66,20% entre as demais modalidades, sendo expressiva sua superioridade. Para as mulheres, o percentual ficou em 19,20%, um número ligeiramente inferior ao Voleibol.

O futebol é um aspecto imprescindível para entender a sociedade brasileira. A mobilização motivada por esse esporte estabelece relações sociais democratizantes na medida em que reúne pessoas de origens diversas em torno de um assunto sobre o qual todos opinam de forma legítima. O futebol atua na construção de uma identidade nacional que se opõe à diversidade individual e influencia o processo de construção do corpo e da cultura masculina (GUEDES, 1998).

Devido a sua popularidade e paixão envolvida com este esporte, devido ao esporte de alto rendimento, com diversos campeonatos famosos e tradicionalmente televisionados, faz sentido que o futebol atinja essa marca. No entanto, no âmbito do amadorismo e do lazer, a prática desta modalidade encontra algumas dificuldades, como tempo livre disponível para jogar, diversas outras opções de lazer, número elevado de participantes necessários (22), entre outras.

Diretamente relacionado ao Futebol, o Futsal e o Futebol 7 tornam-se uma boa alternativa no âmbito do lazer, devido ao menor número de participantes necessários, 10 e 14 respectivamente. Nesta mesma pesquisa realizada pelo Ministério do Esporte, o Futsal atingiu a marca de 3,4% dentre os esportes mais praticados (ficando atrás ainda de: Voleibol, Academia, Natação, Corrida/Caminhada). Dentre as respostas masculinas, o percentual

atingiu a marca de 4%. Para as mulheres a marca ligeiramente superior, atingindo 4,20%.

A afirmação feminina nesse espaço eminentemente masculino ainda é recente, porém houve uma rápida e impressionante expansão desse esporte entre as mulheres, mundialmente registrada a partir da década de 1980. (FRANZINI, 2005). Não foi só elemento cultural e suas construções/atribuições que contribuíram para que as mulheres adentrassem nessas práticas tardiamente. A legislação também teve participação. Durante a ditadura militar brasileira, o Conselho Nacional do Desporto proibiu mulheres de praticar futebol, lutas, rúgbi, polo aquático, polo e beisebol. Baseado inclusive em recomendações da ciência da época. Médicos que na época se dedicavam à medicina esportiva e que escreviam artigos nos jornais alertavam sobre as consequências traumáticas e o comprometimento dos órgãos de reprodução se esta prática esportiva fosse adotada pelas mulheres. Somente em 1986, o CND reconheceu a necessidade de estímulo à participação das mulheres nas diversas modalidades esportivas do país (FRANZINI, 2005).

A prática do esporte, ao longo de sua história, foi então considerada atividade para homens. Com a ruptura deste paradigma, o crescimento feminino neste universo entrou num alto processo de crescimento. Mesmo com esta ruptura, ainda há/ havia espaços para classificar determinados esportes como masculinos enquanto outros femininos. Principalmente esporte que envolve força física e contato/disputa física, sendo atribuídos ao homem, visto que a mulher era/e talvez ainda seja por alguns, considerada um ser frágil e não apta para tais práticas. O futebol é um exemplo desta conjuntura: 'futebol é para homem', não é uma frase estranha de se ouvir. Ainda quanto à legislação, o Futsal foi autorizado, para a prática feminina em 1983, pela Federação Internacional de Futebol de Salão. Atualmente já existem Seleções Nacionais e Clubes profissionais de Futsal feminino. O número de mulheres brasileiras que hoje pratica o futebol em clubes e áreas de lazer aumentaram se comparado às décadas anteriores, bem como são significativas às conquistas da seleção feminina de Futebol que, desde o final dos anos 90, vem marcando sua história em eventos de grande projeção internacional (DACOSTA, 2005).

Mais do que identificar quando o futebol/futsal feminino teve seu início no Brasil é importante dizer que essa inserção feminina no universo masculino

é considerada uma transgressão ao passo que subverte a ordem de um espaço que não é apenas esportivo, mas também sociocultural que traz consigo outros valores embutidos, como o corpo erotizado, a graciosidade, a beleza e a sensualidade (GOELLNER, 2006).

Junto a estes aspectos ainda há de se considerar o fato da construção social ao longo das décadas, do que é ser masculino e o que é ser feminino. Questão de gênero. Sobre isso, Dornelles (2004, p.22) afirma: “existem diversas maneiras de viver o masculino e o feminino e, por isso, estas não devem ser resumidas em um modelo uno, mas, sim, em um modelo plural”. Vestimenta, maneira de falar, gestos e postura são distintos para um e para outro, sempre de acordo com predefinições. Por conta disto, a pessoa que se diferencia de uma ou outra maneira, terá que “enfrentar/conviver” com pré-conceitos. E neste universo em questão, quem enfrenta isto é a mulher. No futebol/futsal, como em outros esportes, mulheres atletas têm de lutar constantemente com a ideia de que sua feminilidade e graciosidade estarão irreparavelmente comprometidas em função da opção pela prática esportiva (DEVIDE, 2005).

Jocimar Daólio (1995) em seu estudo intitulado “A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em antas”, ressalta a força da tradição de um determinado valor ou costume cultural no comportamento de uma criança:

“Para uma menina assumir determinados comportamentos historicamente vistos como masculinos, como ser mais agressiva ou jogar futebol, implica ir contra uma tradição. Implica ser chamada de ‘machona’ pelos meninos ou ser repreendida pelos pais. Da mesma forma para um menino, assumir uma postura delicada, mais afetiva, e brincar de maneira mais contida implica ser chamado de ‘bicha’ ou ‘efeminado’. Tanto para o menino quanto para a menina que contrariam a expectativa que deles se tem, há o peso de uma sociedade que os marginaliza [...]”. (1995, p. 103).

O fato é que há diversas, talvez infinitas formas de “ser homem” e “ser mulher”. É um processo heterogêneo, mesmo que haja preconceitos e de que muitas destas formas de ser, não sejam bem aceitas por determinadas pessoas/ grupos.

2.2 Diferentes significados atribuídos ao esporte

Historicamente, podem-se observar distintas maneiras da manifestação esportiva. Alguns autores afirmam que esse fenômeno esteve presente em sociedades antigas e primitivas (GUTTMANN, 1978), já outros, que surgiu num ponto histórico específico, através de um processo de ruptura (BRACHT, 1997, 2002). Isto é, havia uma prática corporal não sistematizada em uma sociedade, e em determinado momento específico, 'criou-se' o esporte, sistematizado.

As manifestações esportivas dependem do sentido que é posto por quem o pratica. Isto é dado pelo sentido que o sujeito dá para determinada prática, e de acordo com o contexto em que se está inserido. Isto quer dizer que determinado esporte praticado por uma pessoa, pode ter cunho competitivo, no qual vencer é unicamente o que importa, para outra pessoa este mesmo esporte pode ter cunho de lazer, alívio de estresse, por exemplo. Inclusive, participantes de um mesmo grupo esportivo, podem atribuir significados diferentes para a mesma prática. Segundo Bracht (1997), o esporte se coloca em nossa sociedade sob duas formas de manifestação quanto ao sentido: alto rendimento ou atividade de lazer. Afirma-se (MARQUES et al. 2006) que esta segunda pode se apresentar tanto como uma prática influenciada por normas do ambiente profissional, como de uma maneira resinificada.

Existem diversas maneiras de se vivenciar o esporte. A maneira mais difundida é o esporte de alto rendimento. O esporte se configura na sociedade contemporânea como um fenômeno pautado na busca por lucros e no seu caráter heterogêneo. Isso se dá devido a questões sócio históricas que motivaram sua divulgação e espetacularização, principalmente após o fim da Guerra Fria (MARQUES, 2007). Investimentos altos, salários altos, superestruturas, televisionamento e paixão forte: algumas das características do esporte de rendimento. Devido esta maneira ser a mais difundida, pode-se pensar equivocadamente, que se é esporte, tem que envolver um ou vários destes fatores. Mas a verdade é que o esporte é heterogêneo, e não homogêneo. Uma das facetas do esporte contemporâneo se apresenta na heterogeneidade de suas formas de manifestação. Embora contenha características específicas, esse fenômeno apresenta traços diferentes de

acordo com o ambiente em que se insere (STIGGER, 2002). Isto é, há diferenças entre um jogo da Liga de Futsal Nacional e um jogo de Futsal entre amigos/amigas num ginásio qualquer. Há também, claro, semelhanças. Lendo o trabalho de Renato Francisco Rodrigues Marques, Marco Antonio Bettine de Almeida, Gustavo Luis Gutierrez (2007) intitulado Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea, traz elementos interessantes da teoria do grande sociólogo Bourdieu, mostrando que as pessoas percebem as atividades esportivas dentro dos seus contextos sociais específicos (BOURDIEU, 1983). Então são influenciadas pela cultura deste universo e reproduzem o esporte de acordo com as características dominantes de sua sociedade e estrutura social. A mesma modalidade de esporte pode ter significados e impactos diferentes entre os praticantes, assim como a intenção dos participantes pode variar em relação à mesma atividade. Ainda no trabalho dos autores, trazem mais informações da teoria do sociólogo:

Segundo Bourdieu (1983) três premissas influenciam nas ações do sujeito neste universo:

- Conhecimento praxiológico, aquele que se dá no cotidiano de forma empírica,
- A noção de habitus, sistema de conhecimento do sujeito a partir de vivências em um meio social,
- O conceito de campo, local físico das relações humanas onde se encontra todo o saber construído pelo grupo social;

Com as variáveis destas premissas podemos interpretar o fenômeno esportivo nas suas variadas maneiras de ser. Dessa forma, a prática é transformada e caracterizada de acordo com os sujeitos envolvidos e o ambiente em que ela ocorre “efeito de apropriação” (BOURDIEU, 1990). Por esse motivo, o esporte pode ser caracterizado como um fenômeno heterogêneo em processo de constituição, que apresenta, numa perspectiva histórica, continuidades e transformações que o afirmam como um objeto passível de interpretações à luz de diferentes olhares (MARCHI Jr., 2002).

2.3 Esporte misto: homens e mulheres participando juntos... É possível?

Provavelmente sob um olhar do esporte de alto rendimento, a resposta seria não. Isto porque, existem diferenças biológicas entre homens e mulheres, e homens teoricamente possuem certa vantagem por terem maior liberação hormonal de testosterona, por exemplo. Proporcionando uma maior musculatura e maior produção de força. Há também maior número de glóbulos vermelhos no sangue, que são responsáveis pelo transporte de oxigênio. Evidente que “apenas” isto não garante vantagem, pois levaríamos em conta neste caso, também, o treinamento e desenvolvimento técnico da determinada modalidade. Quero dizer que, mesmo com essas vantagens biológicas, isto não garantiria vitória sobre uma mulher. Além de que, nem todos os esportes estes fatores mencionados são determinantes no desempenho. Mas devido a estas diferenças biológicas somado as diferenças impostas culturalmente, ao longo dos tempos, há divisão por sexo nas competições.

No âmbito do lazer/recreativo podemos observar uma reprodução disto, e maioria das práticas esportivas são divididas por sexo, principalmente as que envolvem disputa/contato físico.

Com certeza a inserção histórica da mulher tardiamente nos esportes se reflete ainda na atualidade. Enquanto os homens sempre dominaram espaços públicos, as mulheres se mantinham mais em atividades domésticas. A presença das mulheres em atividades físicas inicialmente era como acompanhantes de seus maridos (GOLLNER, 2009). Posteriormente algumas destas práticas foram sendo legitimadas para as mulheres, principalmente as práticas que não envolviam disputa física. Assim não representando dano na saúde delas. Após este rompimento de paradigma as mulheres “invadiram” todas as práticas. Logicamente ainda há a cultura forte de que certas práticas são para homens e não para mulheres, mesmo com elas já tendo protagonismo em muitas destas práticas. O elemento cultural herdado destes tempos antigos ainda surte efeitos de preconceitos. Bourdieu (2003) considera que a masculinização dos corpos dos homens acontece desde a mais “tenra infância” (p.71). O menino para se constituir ‘homem’, deve saber, jogar e gostar de futebol de acordo com Damo (2002), afirmando: “em um país em que a rua é um espaço privilegiado na socialização dos meninos e que o futebol é

uma das brincadeiras preferidas, desdenha-lo equivale a andar nu” (p.11). Estes fatores trazem como consequência homens com mais bagagem esportiva do que mulheres, de maneira geral. Devido a esta cultura histórica. Quero dizer que, então, um homem e uma mulher com as mesmas oportunidades numa determinada prática, levaria ambos a desenvolverem uma boa técnica. Ou ainda, uma mulher com maior bagagem na prática do que um homem a deixa com maior vantagem sobre um homem sem esta bagagem. Logo, sumindo tal “superioridade” masculina. Sobre essa questão, Raquel da Silveira (2008) que estudou sobre futsal feminino afirma: as características de docilidade, delicadeza, vaidade, competitividade, agressividade não possuem relação com o fato de os seres humanos terem algumas diferenças anatômicas, mas sim, são características culturalmente generificadas em alguns meios sociais. A cultura histórica influencia muito neste sentido.

No âmbito da educação, nas escolas podemos observar tal cultura ainda presente nas aulas de Educação Física, onde muitas vezes meninos jogam com meninos e meninas jogam com meninas. A escola ajuda na construção e manutenção do gênero a partir destas aulas. Constâncio et al (2010) cita em seu estudo a maneira como a educação física proporciona o acentuamento das diferenças entre os gêneros de forma hierarquizada. As características construídas pela sociedade afirmam que meninos são brutos e meninas são frágeis. Isto condiciona cada criança a assumir determinados comportamentos de acordo com seu sexo, para se encaixar na sociedade. Este elemento cultural é muito forte. E acabamos por justificar estas diferenças pela biologia. A diferença biológica existe, mas não influencia de forma exclusiva no comportamento do indivíduo. Então, a participação de uma criança numa modalidade considerada do outro sexo, por ser interpretada a partir dessa cultura como a criança sendo homossexual. Da mesma maneira que na sociedade há papéis que são considerados como masculinos e outros femininos, na escola e, portanto, na Educação Física, não pode ser diferente, já que o sistema educacional é representação da sociedade (OLIVEIRA, 2008). Portanto, a divisão dos corpos em dois sexos, como já citado, é produto sócio histórico (LESSA, 2005). Em um método criado por Rui Barbosa para a Educação Física escolar dividiam-se as atividades físicas para cada gênero,

onde a busca para as mulheres era o corpo saudável e belo sem a competição, que era e ainda é qualidade a ser desenvolvida nos homens (LESSA, 2005).

Nas aulas de Educação Física, a categoria gênero se intercala com outras categorias como a idade, a força e a habilidade física, onde elas determinam as crianças e adolescentes que serão mais propensas ao sucesso nas aulas. As meninas não são excluídas dos jogos e do espaço da quadra nas aulas e no recreio só por serem meninas (LESSA, 2005), mas também porque são consideradas mais fracas e menos habilidosas que seus colegas meninos. Muitas vezes, essa discriminação acontece entre meninos e entre meninas, sendo que a falta de habilidade ou a diferença entre idade e força criam exclusão intra sexos (ALTMAN E SOUSA, 1999). Pelo esporte, que é um conteúdo generificado e visto como masculinizado, os meninos conseguem ocupar maior espaço na escola, nas aulas e no recreio (ALTMAN E SOUSA, 1999). Como consequência disto, os homens, na sua grande maioria provavelmente chega à idade adulta com maior experiência e habilidades do que em relação às mulheres. Assim mantendo a dificuldade em haver participação mista em uma partida esportiva no âmbito do lazer. Somado a isto, ainda a cultura da separação de homens e mulheres para a prática esportiva, levando a homens e mulheres de mesma qualidade técnica a não participarem juntos no âmbito do lazer, na maioria dos casos.

Ainda sobre a educação física escolar, os estereótipos de gênero são acentuados pela determinação de atividades por sexo, por exemplo, a menina dança e o menino joga futebol. O professor então pode acabar por reforçar estas ideias, acreditando ou não nelas. Jocimar Daólio (1995) afirma que a ação do professor de Educação Física, por mais progressista que seja ainda não se liberou da dicotomia criada culturalmente entre o masculino e feminino. Elaine Romero (1990) realizou uma pesquisa neste sentido, com objetivo de observar se os professores de educação física reforçavam estes estereótipos masculinos e femininos. Apresentou a estes, uma lista de adjetivos, que deveriam ser de acordo ou não com cada sexo. Os resultados apontaram que os professores reproduziam tais estereótipos. Os meninos receberam adjetivos considerados adequados como: ativo, autoritário, capaz, agressivo, esportivo, forte, líder, entre outros. Já as meninas receberam adjetivos como: elegante, meiga, responsável, sensível, vaidosa, entre outros. Vê-se que os professores

de Educação Física sentem dificuldades em se libertarem de determinados preconceitos e começarem a propor uma prática que propicie as mesmas oportunidades a todos os alunos, meninos e meninas, respeitando as dificuldades e os interesses de cada um (DAÓLIO, 1995).

Saindo do âmbito escolar, mas talvez como consequência também desta cultura reproduzida nela, e fora da escola, no mundo das academias, pode-se observar os mesmos estereótipos como dominantes. Melo (1998) realizou pesquisa sobre a construção dos corpos masculino-feminino neste universo. Homens realizam musculação buscando hipertrofia e força, e mulheres buscam nas ginásticas trabalho mais leve e aeróbico. Tais atividades são escolhidas a partir de representações sobre os papéis masculino-feminino com base nos estereótipos sexuais de “homem forte” e “mulher sexo frágil” (DEVIDE, 2005). Estes apontamentos mostram o porquê da atual conjuntura dominante, em separar homens e mulheres na prática esportiva. Embora estes fatos, há uma mudança e quebra de paradigmas constante e demorada em andamento, mas que já surte efeito. Para Giddens (2005), o mundo está passando por um período de transformações que alteram as relações sociais e, para compreendê-las, os docentes precisam desenvolver estratégias inovadoras para enfrentar os avanços que transformam a sociedade, sendo necessária constante formação.

Na década de 1990, foi criada a nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9394/96. Junto a isto, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) 1997, a Educação Física elevou-se de patamar. E para os PCN's, as aulas de Educação Física mista poderia dar oportunidades de meninos e meninas observarem-se, descobrirem-se e aprenderem a ser mais tolerante, compreender as diferenças, e assim não reproduzir estereótipos. Estas aulas buscam oportunizar de maneira igual meninos e meninas. Para Saraiva (1999) nas aulas de Educação Física, as meninas e os meninos devem receber as mesmas atenções e vivenciar as mesmas práticas, desenvolvendo a compreensão de diferenciadas manifestações do agir esportivo.

Um esporte que pode ser inserido neste sentido é o Corfebol, no qual homens e mulheres participam do mesmo jogo. Surgido em 1902, na Holanda, com influências e inspirações de um jogo sueco. Com objetivo de que homens,

mulheres e crianças pudessem jogar juntos, com intuito de manter ocupados e saudáveis. Neste período em que a cultura do esporte ser para homem era mais forte ainda, foi um esporte com cunho social, colocando as mulheres nas mesmas condições do homem. Atualmente, estima-se que haja cerca de 200 mil praticantes de Corfebol. Este esporte pode ser inserido nas escolas com objetivo de realizar essa integração, quebrando este paradigma, trazendo uma nova visão para os alunos. De que homens e mulheres podem jogar juntos. É um esporte coeducativo. Cada equipe é formada por 8 atletas (4 homens, 4 mulheres) onde homem só pode marcar homem, mulher só pode marcar mulher. É proibido o contato físico. Ainda no sentido de uma prática coeducativa, pode-se e ocorrem em aulas de educação física adaptações de esportes para que meninos e meninas possam disputar a partida juntos.

Já no âmbito de outros esportes, no alto rendimento, não existe outra situação como no Corfebol. No âmbito do lazer, provavelmente existam casos em que ocorre jogo misto, como no caso de um grupo recreativo localizado na cidade de Porto Alegre, que pratica Futsal misto. Homens e mulheres jogando juntos, sem adaptações das regras oficiais do esporte. Um esporte tradicionalmente atribuído ao homem, mas que as mulheres têm se apropriado, e hoje as quadras também são ocupadas por elas. Atualmente fazem parte dos ditos “mensalistas” (participantes que pagam mensalidade para manter horário fixo num Ginásio Privado) doze integrantes, sendo seis homens e seis mulheres. Ainda há outros que fazem praticamente parte do grupo dos mensais, embora não sejam (duas pessoas) e outras intituladas como “convidados” (são chamados quando há vagas de algum mensalista que se ausentará de determinado jogo). Os jogos acontecem aos domingos, às vinte horas e trinta minutos, no Ginásio Gol Esportes, na zona norte da cidade.

3. METODOLOGIA

Fixando-se nas relações estabelecidas entre estes homens e mulheres, busquei aproximar-me de uma compreensão do grupo, dos significados que estes e estas dão aos jogos. Não busquei dados numéricos, como por exemplo, quantos e quantas opinavam de maneira 'x' ou maneira 'y'. A busca foi pela qualidade da informação, as singularidades e os significados dados por eles e elas ao jogo/grupo/modalidade. Como se com uma lupa, olhasse mais profundamente para cada participante, utilizando-me de observações de campo e entrevistas pré-estruturadas. Foram realizadas entrevistas com seis participantes (três homens e três mulheres), totalizando a metade do grupo.

Embora não tenha o objetivo de estender as opiniões colhidas para os demais participantes do grupo, podemos aproximar-se de um entendimento do grupo, através destes pareceres, visto que o grupo é a soma dos/das participantes, e cada um/uma deles/delas é uma representação deste grupo. Segundo Minayo (2000, p. 48), as pesquisas qualitativas podem ser compreendidas como "aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas". O estudo qualitativo é interpretativo, fixando-se nos significados das relações humanas a partir de diferentes pontos de vista. Os pesquisadores devem sentir-se confortáveis com diferentes pontos de vista (Stake, Robert. 2011, p.25). A busca é pelo entendimento ou apenas interpretação do significado que os/as participantes dão à experiência. Assim como não tenho pretensão de estender o funcionamento e relações encontradas deste grupo, para outros jogos/grupos misto de futsal. Quanto a essência do estudo qualitativo, Stake (2011, p.41) afirma: "Não existe uma única forma de pensamento qualitativo, mas uma enorme coleção de formas: ele é interpretativo, baseado em experiências, situacional e humanístico".

Para isto, fui observador-participante de cinco jogos do grupo, sendo interrompido pela pandemia do novo Corona Vírus, quando o grupo se viu obrigado a parar os jogos devido a quarentena imposta à população visando conter a disseminação do vírus. Embora seja um participante antigo do grupo,

desde 2015, como observador visando coletar informações para o trabalho, foram estes cinco e últimos jogos pré pandemia. Quanto a importância de participar da prática do grupo estudado, Stigger (2007) ressalta que é necessário aprender a conviver esportivamente com o grupo investigado. Estar no campo não é apenas observar as ações e ouvir as conversas que acontecem em um grupo social, mas, sim, tentar identificar o porquê que tais falas estão acontecendo em determinados momentos; é saber interagir com os informantes.

Justamente por ser um integrante e estudante de educação física, presenciava um potencial tema de estudo da área, visto a generificação de esportes, principalmente o futebol, sendo historicamente atribuído aos homens, sendo que nas últimas décadas as mulheres também têm se apropriado da prática. Assim como nas escolas, essa divisão entre meninos e meninas ainda é presente durante as aulas de educação física, por exemplo. E tendo conhecimento sobre esses fatos, eu presenciava desde o início do grupo, como acontecia estes jogos entre homens e mulheres. Percebi ao longo do tempo, que certas características eram necessárias para a pessoa firmar-se no grupo, que não bastava somente saber jogar, que era necessário uma boa 'dose' de bom-senso de ambos os sexos, mas principalmente por parte do masculino, para que as mulheres tivessem igualdade de condições em disputas físicas, por exemplo. Embora, claro, essa superioridade física masculina não seja aplicável em todos os casos, inclusive nos jogos observados, tenha presenciado algumas mulheres com melhores condições físicas que alguns dos homens participantes. Percebia diferenças entre jogos separados por sexo e um necessário ajuste entre os participantes do misto, e isso me chamava atenção, pois via uma rica experiência de troca de aprendizagens entre esses homens e mulheres participantes. Notava um jogo capaz de unir equidade e competitividade entre todos/todas participantes. Um jogo recheado de objetos de estudo. Então, após estes jogos mais minuciosamente observados, ao chegar em casa, anotava todos os acontecimentos por mim observados antes/durante/pós jogo. Os jogos observados foram entre os meses de Janeiro e Fevereiro de 2020. Realizando pesquisa na plataforma Google Acadêmico, encontrei alguns trabalhos como "Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde" no qual trazem

informações importantíssimas sobre o tema, do grande antropólogo Malinowski, que me chamaram atenção e ajudaram-me a entender o papel das observações e do observador participante. A observação participante é parte da pesquisa empírica qualitativa e segundo o antropólogo Malinowski (2005):

Há uma série de fenômenos de grande importância que não podem ser registrados por meio de perguntas ou de documentos quantitativos, mas devem ser observados em sua realidade. Denominemo-los "imponderáveis da vida real". Entre eles se incluem coisas como a rotina de um dia de trabalho, detalhes do cuidado com o corpo, forma de comer e de preparar a comida; tom das conversas e da vida social ao redor das casas, a existência de grandes hostilidades, simpatias e antipatias entre as pessoas; a forma sutil mais inquestionável em que as vaidades e ambições pessoais se refletem no comportamento dos indivíduos, e as reações emocionais dos que os rodeiam (Malinowski, 2005, p. 55).

O trabalho ainda traz um roteiro criado por Malinowski (mas enfatiza também, a importância a abertura para uma livre vivência que o campo oferece) sobre alguns pontos importantes que a observação proporciona e que se deve levar em consideração:

- O conjunto de regras formuladas ou implícitas com as quais se guiam os componentes do grupo social;
- A forma como essas regras são obedecidas ou transgredidas;
- Os sentimentos de amizade, de antipatia ou simpatia que permeiam os membros da coletividade;
- O aspecto legal e o aspecto íntimo das relações sociais;
- As tradições e os costumes e a importância que lhes são atribuídos;
- As ideias, os motivos e os sentimentos do grupo na compreensão da vida, verbalizados ou evidenciados em gestos e atitudes e categorias de pensamento.

A ideia inicial era realizar essas observações por mais jogos. Diante deste contexto, em que não haveria mais jogos, foi necessário partir em busca de novas soluções. Me apropriei de mais uma ferramenta, deixando as observações como complemento. Dentro da pesquisa qualitativa, existem métodos para conduzir o andamento da pesquisa. Utilizei então, do instrumento da pesquisa semiestruturada, isto é, uma entrevista com um roteiro para

nortear a entrevista, mas ela possui um tom de conversa, em que tenho liberdade para mudar e/ou formular uma pergunta de acordo com o decorrer da entrevista. O roteiro é flexível. Para Minayo (1994), a entrevista privilegia a obtenção de informações através da fala individual, a qual revela condições estruturais, sistema de valores, normas e símbolos e transmite, através de um porta-voz, representações de determinado grupo. Escolhi esta ferramenta, pois o informante tem a oportunidade de discorrer sobre suas experiências, permitindo respostas de forma livre e espontânea. Haguette (1995) afirma sobre a entrevista: é um processo de interação social, no qual o entrevistador tem a finalidade de obter informações do entrevistado, através de um roteiro contendo tópicos em torno de uma problemática central. Os elementos centrais da entrevista foram:

- Histórico dentro da modalidade;
- Expectativa pré participação do jogo misto e se algo surpreendeu;
- Se percebe diferenças entre jogos separados por sexo para o jogo misto;
- Se algo muda na sua maneira de jogar quando joga o misto;
- O que é necessário para uma pessoa ser considerada como um/uma bom/boa integrante do grupo;
- O que motivou para permanecer no grupo de futsal misto.

Devido, ainda, sobre a pandemia do Corona Vírus, realizei as entrevistas através do WhatsApp, com a ferramenta da vídeo chamada, com exceção de uma delas, com Luana, minha esposa e integrante do grupo. Nas entrevistas realizadas por vídeo, gravei o áudio da conversa com outro aparelho celular, para depois transcrever com todos os detalhes as respostas obtidas. Os/as escolhidos/escolhidas e o porquê dos selecionados/selecionadas foram (nomes fictícios):

- Luana: Participante desde os primórdios do grupo. Sempre se posiciona nos assuntos que surgem no grupo, sendo uma das pessoas que tomam iniciativa para conduzir a organização do grupo;
- Fabrício: Participante mais velho de idade do grupo (57 anos), e muito experiente na prática do futsal, inclusive participado de diversos campeonatos pela grande Porto Alegre;

- Débora: Participante mais velha de idade do grupo (43 anos), participativa nas questões do grupo;
- Mateus: Participante mais novo do grupo (23 anos), e recentemente entrou no grupo. Participa de diversos outros jogos, mas todos estes outros somente entre homens;
- Karen: Está entre os/as mais experientes do grupo, tanto dentre os mais velhos de idade (40 anos), quando na prática do futsal, tendo jogado desde muito cedo;
- Artur: Está entre os mais recentes chegados do grupo, estudante de educação física. Por conta disto, achei interessante ele participar das entrevistas, visto que além da experiência prática, possui conhecimentos teóricos sobre esporte, podendo acrescentar elementos interessantes para o enriquecimento do trabalho.

Todos(as) participantes convidados para participar da entrevista, sem entrave algum se propuseram a participar das entrevistas, não encontrando dificuldades alguma para agendá-las, provavelmente por eu já conhecer e ter boa relação com os integrantes. Após transcrevê-las, enviei aos participantes para que pudessem averiguar suas respostas, se estavam de acordo com elas e se sentiam necessidade de alterar alguma de suas repostas. Nenhuma alteração foi solicitada.

Após transcrever as entrevistas, organizei as falas dos participantes por proximidade, e cheguei em duas categorias de análise: Jogo Pegado x Jogo Tranquilo e Equidade.

4. RESULTADOS

4.1 Sobre o grupo:

Primeiro período de vida: Surgimento, Desavenças e Ruptura:

Alguns antigos participantes deste grupo, contabilizam ter acontecido os primeiros jogos no ano de 2014, sendo o princípio do grupo, que ainda não era jogos fixos e com uma frequência espaçada. Já no ano de 2015, o grupo começou a se tornar mais frequente, com alguns jogos acontecendo com uma frequência de jogos mais constante, chegando num período a ter uma vez por semana. Três ou quatro casais eram constantes nos jogos, e mais alguns participantes que começavam a comparecer com frequência. Assim começou a se sistematizar, se consolidando em termos organizacionais com criação de grupo no WhatsApp com os mais frequentes. Nos anos de 2016 e 2017 foi o período em que atingiu o maior número de participantes fixos neste primeiro período de existência, chegando a ter quatorze mensalistas ativos, que pagavam mensalidade para manter o horário da quadra e ainda sobrando dinheiro para o 'caixinha'. Houve neste período a confecção dos primeiros uniformes do grupo.

Em meados de 2018, por algumas divergências na condução do grupo, houve uma ruptura entre alguns integrantes mais antigos e alguns destes deixaram de fazer parte, assim abrindo vagas para novas pessoas entrarem, que hoje fazem parte deste segundo período de vida do grupo.

Segundo período de vida: até os dias atuais

A principal mudança neste segundo período foi apenas de uma administração das questões do grupo mais aberta a todos participantes. "O grupo acho que é um grupo unido, que consegue se gerenciar, que consegue se acertar, e que se formou. Acho que agora se formou um grupo. Quando eu entrei estava tendo algumas mudanças. E agora parece que se formou um grupo mesmo sabe, é uma impressão né", Arthur (Trecho da entrevista, 07/10/2020).



Nesta foto o grupo não utilizava mais os uniformes antigos pois estava em uma fase de reformulação de integrantes e ainda não havia confeccionado os novos uniformes.



Nesta foto grupo já estava formado novamente com participantes novos fixos, e estavam estreando novos uniformes.

Houve a confecção de novos uniformes, sendo um na cor cinza chumbo, preto e amarelo ouro, e o outro verde piscina com cinza claro e branco. Os uniformes foram confeccionados com valor do 'caixinha', cobrindo mais da metade do valor total da confecção das camisetas.

Os jogos desde seu princípio ocorrem no ginásio Gol Esportes, na rua Cerro Azul, Zona Norte da cidade de Porto Alegre. Em determinada época jogos ocorriam aos sábados, às vinte e uma horas e trinta minutos. Atualmente (antes da pandemia do Corona Vírus, pois neste atual momento grupo está parado em razão do distanciamento social) jogos ocorrem aos domingos, às vinte horas e trinta minutos.

Fazem parte doze integrantes, sendo seis homens e seis mulheres. A idade varia dos vinte anos até cinquenta e sete anos de idade. Entre os homens, dois dos seis integrantes possuem idade acima dos quarenta anos. Os outros quatro possuem idade abaixo dos trinta anos. Já entre as mulheres três delas possuem idade entre quarenta e quarenta e três anos, e as outras três integrantes entre vinte e cinco anos e trinta e um anos de idade. Há um casal (antigamente eram dois casais mensalistas, mas a esposa de um integrante recentemente se afastou por questões particulares, comparecendo de maneira esporádica aos jogos – e há um casal que embora não faça parte oficialmente dos mensalistas, são bem presentes quando há vaga para convidados). O pai do homem que participa do grupo junto a sua esposa, também participa do grupo. Outra relação de parentesco presente no grupo é uma dinda com seu afilhado. “Família, amizade e futsal bem jogado” disse o integrante Fabrício (Trecho da entrevista, 07/10/2020). Portanto além dos laços de amizade entre os participantes também há laços familiares no grupo.

Diferentes momentos de vida, diferentes trajetórias no esporte, mas com um ponto em comum: a paixão pelo futsal. Normalmente fora da quadra, há entre duas e quatro pessoas que estão ali para assistir seus cônjuges e/ou pais participarem do jogo.

“Um grupo diversificado, tem muitos jovens, tem pessoal mais velho. Tem pessoal que joga muito bem, pessoal que não joga tão bem assim. Então é um grupo bem diversificado. De casais, outros são solteiros. Isso eu acho bem bacana. Não tem uma unidade assim... ah é um grupo de casais. Não. Ah é um grupo de jovens. Não. É um grupo de gente que gosta de jogar bola”. (Trecho da entrevista com a Débora, 08/10/2020).

O grupo possui autogerenciamento, sendo aberto para quem quiser integrar o quadro financeiro do grupo, por exemplo. Sendo que a cada três meses sugere-se que alguém que não vinha se fazendo presente nesta questão se voluntarie para participar, o que nem sempre ocorre, mas há essa

abertura para que todos se façam presentes. Assim como na escolha dos times de cada domingo, que após todas as confirmações através do grupo do WhatsApp, abre-se para que alguém se voluntarie a separar os times daquele jogo, sempre variando as equipes de uma semana para outra. Quando algum mensalista não pode comparecer, abre-se a oportunidade de alguém chamar algum conhecido para preencher as vagas. Há cerca de cinco pessoas de 'fora' que costumam se fazer presentes quando preciso. Além dos uniformes, o grupo possui uma bola oficial adquirida com dinheiro do caixa.

Como observador participante de jogos com o grupo, pude presenciar que há determinadas normas de convivência durante as partidas. Há um determinado limite que raramente se ultrapassa no que se refere a disputa corpo a corpo entre qualquer participante, seja homem, seja mulher. Não há disputas ríspidas entre os participantes, embora isso não tire do jogo a competitividade, pois é um jogo bem disputado e com um bom nível técnico. "O futsal misto é mais generoso" (Trecho da entrevista com Karen, participante do grupo, 08/10/2020). Ainda sobre o bom nível do jogo, Mateus afirmou: "sempre sai um futebol bonito" (Trecho da entrevista, 07/10/2020). Opinião convergente com de Arthur que também fez uma afirmação neste sentido: "Eu acho que o jogo é um bom jogo, com um nível bem bom, tem dias melhores, dias piores, mas como qualquer coisa. Tem dia que sai mais jogo e dias que sai um pouco menos, mas é normal" (Trecho da entrevista, 07/10/2020). Em jogos observados por mim, presenciei diversos gols marcados com jogadas bem trabalhadas, com troca de passes e boas movimentações, realizadas tanto pelos homens, quanto pelas mulheres. Aferi que os participantes possuem opiniões convergentes no sentido de que aprovam o grupo e a qualidade do jogo. Percebi também que muito raramente um homem executa uma finalização com força, sendo normalmente chutes colocados. No relatório de campo do dia 05/janeiro fiz a seguinte observação: "Mesmo o goleiro sendo sempre um homem, notei que homens não chutam com toda força, realizando chutes mais colocados". Já por parte das mulheres, percebi que elas executam finalizações livremente no que se refere a força, tendo inclusive participantes mulheres que chutam de igual ou até com mais força que alguns homens do grupo teriam capacidade de executar. Sobre isto, Débora afirmou: "Conheço

meninas, que no próprio grupo, chutam forte, mais forte que alguns homens, né. Mas foi uma coisa que eu nunca coloquei no grupo, mas não acho muito justo, tu liberar para as meninas, mas para os meninos não. A guria pode enfiar o pé, mas os meninos não podem”. (Trecho da entrevista com Débora, 08/10/2020).

Isabela e Taiza desferem chutes potentes, assim como a convidada do jogo passado, Isis. Quanto à marcação notei que há certo limite/ponderação em relação a entradas para disputas físicas. A prioridade parece ser fazer como que o jogo aconteça dentro de certos limites, principalmente pela parte dos homens. (Trecho do relatório de campo, 19/01/2020).

Executam a função de goleiro, os homens, que revezam entre si, a posição de goleiro durante o jogo. Justamente pelo fato de os meninos serem mais fortes, ou pelo menos, considerados mais fortes. Há um acordo entre todos de que deve ser assim. Em um dos jogos observados por mim, presenciei um fato diretamente relacionado a isto: Uma convidada por estar cansada, pediu para ir pro gol, pois neste dia não havia gente suficiente para revezar, e o homem que estava no gol, inicialmente não aceitou, afirmando que mulheres não deveriam jogar no gol. Por curtos instantes ficou um certo de clima de não saberem como resolver a situação, mas a convidada reafirmou que se garantia de jogar no gol, e assim acabou sendo aceito que ela ficasse por alguns minutos no gol para se recuperar do cansaço.

Bruno e Isis encaixaram-se (aparentemente) perfeitamente no grupo, por jogarem bem e serem “gente fina”, jogando de forma competitiva e respeitosa. Inês fez diversos gols devido ao seu potente chute. Time em que Isis estava não tinha reservas, portanto sem chance de revezar para descansar. Próximo ao final do jogo, ela demonstrava cansaço, e se propôs jogar no gol, pedindo para o homem (sempre homens estão de goleiro) ir para a linha em seu lugar. Ficou naqueles breves instantes um clima de dúvida, visto que uma das regras do jogo são os homens revezarem no gol. (Trecho do relatório de campo, do dia 12/01/2020).

Outro ponto relacionado a este fato, é que sempre há números exatos de homens e mulheres para cada equipe, sendo normalmente dois homens e duas mulheres na linha em cada equipe. E um homem de goleiro em cada equipe. E o que aconteceu com isto, foi que o time desta convidada que foi para o gol, ficou com três homens na linha, contra dois da outra equipe. Assim desestruturando o acordo preestabelecido, que teoricamente visa manter as equipes o mais equilibradas possível.

Futebol de qualidade e respeitoso foram palavras presentes mais de uma vez nas falas dos entrevistados. Mas a expectativa anterior a estreia no grupo, não era tão positiva assim. Tanto para os homens quando para as mulheres. Cada sexo com expectativas similares no sentido de não esperar algo tão agradável, mas diferentes em relação ao que esperavam encontrar. Mas expectativas que foram surpreendidas positivamente quanto ao futsal misto, ao menos para estes participantes e deste grupo.

“Ah eu tinha muito preconceito, sempre achei que jogar com homem... como homem é muito competitivo no futebol, sabe... aquele... o pateta que entra no carro e fica loco... é o homem jogando futebol. Porque a mulher por mais habilidosa que ela seja, ela não tem a força nem a velocidade do homem... então eu sempre achei que o futsal misto fosse ser difícil, fosse ruim, entendeu?! Essa era a visão que eu tinha e a resistência que eu tinha... eu já tinha sido convidada inúmeras vezes para jogar futsal misto... e eu sempre tive muito receio de jogar com homem” (Trecho da entrevista de Karen, 08/10/2020).

Este depoimento de Karen demonstra que apesar de ela jogar futsal desde criança, entre mulheres, não tinha boas expectativas de jogar junto dos homens, que culturalmente e principalmente historicamente possuem maior presença nas quadras do que as mulheres. Sendo este espaço um lugar de afirmação da masculinidade viril imposta pela sociedade durante décadas, fazendo com que Karen viesse a pensar que eles não teriam capacidade de dividir uma quadra com elas para disputa de uma partida. Expectativa não tão positiva também era a de Fabrício, mas que também se surpreendeu ao participar do grupo.

“Eu ia assistir, né. Eu só assistia (seu filho e nora participam) e acabei sendo convidado para jogar, mas a expectativa que eu, eu nunca consegui imaginar eu jogando ali. Eu sempre fui assistir por uns dois anos, eu só assistia aos jogos. E devagarinho o pessoal foi me convidando para jogar... faltava gente isso e aquilo. Comecei jogando no gol. Eu comecei um pouco meio que descoordenado... eu jogava igual quando tá jogando só entre homens. No masculino, às vezes a gente se passa um pouquinho e ali a gente tem que tirar assim... não pode chutar muito forte, e no início a gente não se dava conta sabe? Aí eu fui me educando pra jogar no misto... vi que tinha que ter um cuidado, mas que não precisava ser tanto assim sabe. Que hoje em dia tá quase igual sabe, tem mulheres assim que tão jogando muito. Quando vê tu tá jogando quase da mesma maneira” (Trecho da entrevista de Fabrício, 07/10/2020).

Neste trecho da entrevista com Fabrício, ele admitiu que ao entrar no grupo, demorou alguns jogos para sentir-se ressonando perfeitamente com o equilíbrio do jogo. Isto demonstra, que no grupo, o jogo é diferente, visto que é

misto, e há diferenças entre os sexos, mas que são respeitadas. Mas por outro lado, após adaptar-se ao grupo, aprendeu a conseguir jogar perto do seu 'normal', ressaltando a qualidade do jogo das mulheres que participam. Arthur trouxe em seu depoimento opiniões similares a de Fabrício.

“Eu pensei que não seria bom, eu pensei que seria bem ruim. Porque eu nunca tinha jogado de maneira mista quando adulto e muito pouco quando criança. Até porque quando criança eu jogava mais competitivo, mesmo que na cidade, assim, na região, mas era sempre valendo, era torneio, era campeonato, então era sempre menino e menino e era isso. E na escola também era bem dividido, então quando eu fui a primeira vez eu fui sem muita expectativa... assim, tipo ‘ah vai ser bom, vou me divertir’, mas me surpreendeu” (Trecho da entrevista de Arthur, 07/10/2020).

Arthur enfatiza a cultura que divide os sexos para a prática do futebol, desde os tempos de escola. Muitas vezes na escola, as meninas nem jogam futebol, praticando outras atividades físicas. Enfatiza também que aprendeu a jogar futebol sempre visando o rendimento, a competição. E assim aprendeu a gostar. Sua expectativa era baixa, pois não acreditava que encontraria um jogo disputado, imaginando que seria um jogo apenas com objetivo de integração, mas que não foi isto que encontrou, e sim um jogo disputado também. Mateus comentou também neste sentido, que seu costume sempre foi jogar apenas entre homens, e sempre muito disputado. E ao jogar com mulheres junto, imaginou que seria menos exigente, mas que não foi isto que encontrou no jogo. Estimou ainda que se joga da mesma forma, sem diferenças. Mas ao observar os jogos, pude perceber as diferenças já citadas anteriormente, como na força amena dos chutes dos homens, por exemplo.

“Quando eu fui jogar a primeira vez com o misto eu realmente não sabia o que esperar. A pessoa tá acostumada com futebol somente entre homens. Geralmente costuma ser mais pegado. Então eu fui pensando que seria mais leve. Mas eu me enganei. Mesma forma. Jogar contra mulher na verdade é igual, não tem diferença” (Trecho da entrevista 07/10/2020).

No depoimento dos homens percebe-se que a expectativa deles era diferente das mulheres, apenas similar no sentido de não esperar algo tão agradável. Imaginavam que não conseguiriam jogar futsal de maneira

satisfatória, provavelmente pelo fato de o futebol ainda ser considerado por muitos um espaço considerado masculino. Pelo senso comum. Então um homem que nunca jogou com mulheres que jogam futebol assim como eles, desde crianças, não imaginam que estão parelhos no sentido de qualidade de jogo. Por ainda haver menos jogos femininos pelas quadras, muitas vezes o homem nem vê estas mulheres jogadoras jogando futebol e assim desconhecendo, de certa forma, a qualidade delas. Portanto, os três entrevistados homens demonstram surpresa pelo jogo encontrado. E a surpresa das mulheres foi no sentido de esperar um jogo onde não tivessem muito espaço para participar, que ficariam como coadjuvantes no jogo, mas que isso não aconteceu, pois tiveram espaço para jogarem normalmente.

Todos os entrevistados possuem trajetória semelhante na prática do futsal, iniciando no esporte logo na infância, em torno dos dez anos de idade. Fator interessante surgiu do depoimento de Karen, que iniciou aos treze anos no futsal, em uma escolinha exclusivamente feminina. Isto cerca de trinta anos atrás. E como futebol de mulheres tem se fortalecido nos últimos anos, encontrar uma escolinha feminina há tanto tempo, era mais raro, do que encontrar uma masculina, encontrada em qualquer escola e/ou zona da cidade.

Segundo Raquel Silveira e Stigger (P. 180) o esporte é “tradicionalmente uma das mais importantes áreas reservadas masculinas” (apud DUNNING, 1992). Karen inclusive encontrou resistência de sua mãe por praticar futsal, que naquela época essa cultura do futebol ser prática para homem era ainda mais forte: “Minha mãe queria que eu fizesse ballet”. Conforme Damo (2007) citado por Raquel Silveira e Stigger (2013, p. 184):

O estudo de Damo realizado entre jovens de classe média e num bairro próximo ao centro de uma cidade (Porto Alegre), – mostrou uma grande resistência dos meninos em relação à presença de uma menina nos seus encontros esportivos; e a mesma resistência ocorria por parte dos seus pais acerca do fato da sua filha gostar de jogar o futebol.

Sobre essa resistência de algum responsável, Débora (43 anos) relatou não ter encontrado pelo fato de futebol ser considerado masculino, mas sim ao se machucar de alguma forma, pais ficavam meio receosos que ela prosseguisse jogando. Talvez esse receio influenciado pela cultura das

mulheres serem consideradas frágeis, principalmente naquela época. Já Thomassim (2007, p. 105) também evidência esta cultura:

“(...)em estudo desenvolvido na periferia da mesma cidade e entre crianças pobres, observou que a presença de meninas entre os meninos era algo “invisível”. Naquele estudo, perguntado sobre como via a presença de uma guria no grupo de meninos, Duda (um dos meninos) respondeu: “que guria?”.”

Luana, integrante do grupo estudado passou por situação similar a esta. Iniciou a jogar entre os guris de sua escola, e geralmente jogava ela e mais uma menina que também gostava de jogar. Então participava dos jogos masculinos. Sua trajetória indo ao encontro dos achados dos estudos de Damo (2007) e Thomassim (2007), que perceberam as meninas tendo a sua iniciação no futebol junto a grupos de meninos. E em sua trajetória não participou de muitos jogos entre mulheres. Então sua maior expectativa e surpresa ao entrar no grupo foram de jogar um jogo com mais mulheres em quadra do que ela estava acostumada. Já os homens entrevistados iniciaram da mesma maneira: em suas escolas, bairro e escolinhas de futsal “desde sempre”. Outro fator em comum entre todos é a paixão pelo futebol. Seja como torcedor de seus times profissionais seja como jogador.

4.2 Jogo Pegado x Jogo Tranquilo

A expectativa anterior à experiência dos participantes de ambos os sexos era de certa forma negativa. As mulheres pensavam que não teriam espaço dentro do jogo, que seriam apenas coadjuvantes. Sobre isto, Débora afirmou: “todo mundo joga, todo mundo teu seu espaço” (Trecho da entrevista, 08/10/2020). Demonstrando que há espaço para todos participarem, respeitando a capacidade de cada um. Os homens pensavam que estavam indo para um jogo apenas para “correr”, que não seria um jogo de qualidade a ponto de exigir-lhes dedicação. Pensavam que não seria um jogo tão atraente, que seria mais para diversão e integração. Mas foram surpreendidos com o bom nível de jogo.

“A competitividade não é o nosso foco. Essa é a principal diferença. Mas de resto... não tem diferença. Foi uma surpresa o nível do jogo. Ele não baixou. Que era o que eu esperava. Claro né, eu não conhecia, nunca tinha visto. E eu pensava que ia baixar, mas não. Me enganei” (Trecho da entrevista de Mateus, 07/10/2020).

Neste trecho Mateus comentou sobre a existência ou não de diferenças entre os jogos que ele participa quando jogado somente entre homens e o jogo do futsal misto. A diferença citada por ele, seria apenas que o jogo misto a competição é deixada um pouco de lado, mas que a qualidade do jogo o surpreendeu. Mateus ainda ressaltou considerar positivo para visibilidade do futsal de mulheres, o fato do jogo ser num horário fixo, e assim, os jogos que acontecem antes e depois do misto, os homens acabam por assistir um pouco da partida, e assim vendo a qualidade do jogo das mulheres. De acordo com os jogos em que observei, percebi que cada participante busca (na maior parte do tempo, pelo menos) fazer com o que o jogo aconteça da maneira mais harmônica possível, sendo respeitada as diferenças entre os participantes, e até entre participantes que estão no mesmo nível físico e técnico há um respeito no sentido de não realizarem embates mais ‘duros’. Neste mesmo trecho da fala de Mateus, podemos notar também, que embora nos últimos anos, tenha-se iniciado este rompimento de que futebol é coisa para homem, ou ainda, que futebol bem jogado é coisa de homem, ainda surtem efeitos a histórica dominação masculina no futebol. Segundo Rigauer (1981) “o esporte recreativo [...] acaba por ser uma versão em miniatura do esporte de alto nível”. No caso deste grupo, não. É preciso relativizar esta afirmação. Pois se, assim fosse, teríamos um jogo com disputas ríspidas de jogo, de mulheres contra homens, mulher contra mulher, homem contra homem, por exemplo. E na prática deste grupo, isto não acontece. Se assim fosse, provavelmente as mulheres, pelo menos as entrevistadas, não seguiriam jogando desta maneira, visto o depoimento delas. Arthur, também comentou neste sentido, afirmando que seu objetivo atualmente é justamente jogar um futebol mais tranquilo, sem estresses. Karen demonstrou ainda em seus relatos o tamanho de sua apreciação pelo futsal misto:

“Desde a primeira partida, eu fiquei completamente apaixonada por jogar com homem. Eu achei muito mais fácil de jogar, acho que o homem é menos fominha, o homem é mais preparado para o espírito coletivo, mesmo sendo mais habilidosos, eles reclamam muito menos. O futsal feminino em si é muita queixa. É uma reclamando da outra. O futsal misto é mais generoso, entendeu? Eu me senti mais acolhida, porque fica mais fácil até de errar... Achei menos pressão. Mas não sei se isso é com nossa equipe, com os guris que a gente joga, ou se isso é diferente em outros grupos, eu não tenho experiência com outros grupos”. (Trecho da entrevista de Karen, 08/10/2020).

Parece que este grupo encontrou um caminho do meio para que ocorra a disputa com ambos os sexos em quadra. “É um jogo leve, divertido, descontraído” (Trecho da entrevista de Karen, 08/10/2020). De acordo com minhas observações há diferenças técnicas e de força entre os participantes, e no caso deste grupo, os seis homens possuem mais força física para uma disputa ‘ombro a ombro’, por exemplo. E todos os seis possuem boa técnica com bola nos pés. Quanto à técnica das mulheres, há algumas que jogam tão bem quanto os homens do grupo. Há também as que não possuem a mesma habilidade com bola nos pés, embora consigam acompanhar a partida, por terem as condições. Presenciei em um dos jogos observados, um convidado homem ser chamado para uma vaga diante de uma ausência, e este não jogar tão bem quanto as mulheres do grupo.

Cesar (o convidado) se enquadrou perfeitamente no estilo de jogo do grupo, embora não tivesse muita técnica. Em certa jogada, perdeu um gol considerado fácil e jogou-se ao chão, rindo. Junto a ele, alguns (Karen, Débora, Fabrício e Bruno) participantes fizeram comentários de brincadeira com ele, e todos riram juntos. (Trecho do relatório de campo, dia 02/02/2020).

Ainda sobre minhas observações, aponto que é um jogo bem jogado, de boa qualidade e disputado. É jogado de maneira coletiva. Há uma troca de passe fluente entre as equipes. Todos/Todas têm seu espaço. Todos/Todas recebem a bola com frequência. Há poucas, raras cobranças quanto a marcação ou sobre alguma decisão de jogada não aprovada por algum companheiro(a). Embora os homens do grupo sejam mais fortes fisicamente, percebi que eles não se aproveitam disto para tirar vantagem sobre as mulheres, e até em disputas entre eles. Agem com uma certa dosagem para que não tire o equilíbrio da disputa. Assim como para realizar a finalização, não a fazem com toda força que teriam para realizar. Já as mulheres chutam

livremente quanto a força, e como já citado, algumas chutam com mais força que alguns homens teriam capacidade.

A exceção se deu numa partida em que o grupo estava desfigurado (26/01/2020), devido à ausência de vários integrantes, e comparecido diversos convidados “de fora”. Com isso a característica do grupo se perdeu. Os convidados não chegaram no clima habitual que o grupo costuma ter, e neste jogo houve mais jogadas ríspidas, foi um jogo mais tenso. Mais entre os homens. Mas teve contatos não habituais de homem (um dos convidados) contra uma mulher, na disputa ombro a ombro. Foi um jogo atípico. O grupo normalmente não passa regras, nem de como ‘entrar’ no jogo para uma pessoa convidada, mas espera que a pessoa tenha bom senso de saber ‘chegar’ num ambiente por ela desconhecido, e que haja assim durante a partida.

Logo no início do jogo este jogador (um convidado pela primeira vez) começou a portar-se de forma bruta, sem conseguir se adaptar ao ritmo do grupo. Um dos primeiros lances já desferiu jogo de corpo forte na Luana. O mensalista Alfredo ficou irritado com a forma que o convidado estava jogando e então o jogo começou a ficar mais acirrado. Alfredo que não costuma chutar forte, desferiu alguns chutes mais fortes. Assim como entradas para ‘roubar’ a bola com mais vigor. Karen ao final do jogo, que possui bom relacionamento com ele, comentou: “hoje tu estava estressado né?!” [...] Fabrício durante a partida comentou: “vou afundar ele quando estiver no gol”. (Trecho do relatório de campo, 26/01/2020).

Este acontecimento observado comprovou a existência do equilíbrio encontrado pelo grupo, e que algum/alguma participante novato/novata pode vir a desestruturar, inclusive o comportamento dos já integrantes e totalmente adaptados ao grupo, e que para ser ‘aceito’ no grupo, é necessário ‘saber chegar’ em um ambiente desconhecido pelo convidado, pois ao final do jogo houve diversos comentários dos mensalistas reprovando e excluindo a possibilidade de um novo convite aos convidados deste jogo.

Outro fato que presenciei foi numa partida em que duas meninas foram convidadas para o lugar de duas integrantes que não poderiam estar presentes, e estas menina que foram ao jogo, não tinham o mínimo do nível técnico habitual dos/das participantes, ficando realmente abaixo da qualidade do jogo, e pude perceber certo descontentamento, principalmente pelas mulheres colegas de time dela.

A Patrícia também esteve abaixo tecnicamente do nível do jogo, prejudicando a troca de passes e finalização de jogadas de sua equipe. Comentários após o jogo confirmaram tal observação, assim como mesmo durante o jogo observei troca de olhares como se estivesse dizendo isto. Mesmo assim, ela foi bem recebida, e recebia apoio de alguns de seus colegas, como Karen e Eduarda. E até mesmo de um colega do outro time, Alfredo, que a incentivava a persistir. [...] Teve espaço - após o jogo - para comentários sobre as convidadas da noite estarem abaixo do nível do jogo, principalmente comentado pela Lara. Karen de maneira bem mais suave comentou que teve que correr o dobro para buscar o equilíbrio entre os times. (Trecho do relatório de campo, 05/01/2020).

Ao observar estes acontecimentos, ao elaborar o roteiro da entrevista resolvi inserir um questionamento: “O que precisa para ser considerado (a) um (a) bom (a) participante do grupo?”.

De maneira geral, o que emergiu nas respostas, resume-se em: ‘bom-senso’. Karen afirmou: “Que saiba dividir, que saiba entender a limitação dos outros, que saiba entender as suas limitações, uma pessoa que seja tranquila. Que não cobre demais” (Trecho da entrevista, 08/10/2020). Isto é, diante da diversidade do grupo, que cada um saiba acolher essas diferenças, para que todos participem de maneira justa. Fabrício afirmou também neste sentido: “Depende da tolerância” (Trecho da entrevista, 07/10/2020). Logo nestes primeiros depoimentos não surgiu sobre a necessidade de ser bom tecnicamente, embora de maneira implícita, visto o caso das mulheres convidadas que não conseguiram acompanhar o jogo, todos esperem que a pessoa tenha capacidade de fazer o jogo fluir, tendo boas noções de domínio de bola, passe e movimentação.

“Depende só da pessoa se encaixar assim nessa energia de ser tranquilo. De jogar bola. Não vejo assim ninguém ser discriminado por não jogar bem. Mas a pessoa tem que ser a fim de entrar com esse espírito. De tirar o pé porque ali todo mundo é amigo. De não brigar, de tá de boa” (Trecho da entrevista com Débora, 08/10/2020).

Opinião de Mateus vai bem de encontro com Débora, afirmando que não é necessário que se jogue bem, porque isto irá variar de acordo com determinada opinião pessoal, mas ressaltou a necessidade de jogar com empenho, além de ser amigável com os participantes: “Tem que ser amigável. Não é o fato de jogar bem, tem que se interessar né, jogar com vontade. O fato

de jogar bem ou não, vai variar de olhar” (Trecho da entrevista com Mateus, 07/10/2020)”.

Já Arthur trouxe a questão de ter o mínimo de noção do jogo, mas o mais importante, bom senso. Mesmo que em outras palavras ditas por outros participantes, foi o que mais emergiu, o chamado bom senso.

“Eu acho que depende do bom senso da pessoa ter noção que a gente não tá ali pra competir, a gente tá ali pra jogar, se divertir e ser um momento de distração e que precisa ter um mínimo de (noção de jogo), não mais importante, mas acho que ajuda conseguir acompanhar o nível do jogo. Não ser muito bom ou se for muito bom, que consiga dosar isso e se não for, não ser muito que não saiba jogar nada por que daí não vai conseguir acompanhar talvez [...] Eu acho que o que mais me agrada é que eu consigo me divertir, mas ao mesmo tempo é um jogo que tem certa competição, não é o foco principal, mas acho que esse grupo tá num nível que dá pra ter jogo mesmo. Sai um jogo que tu consegue correr bastante, tu te força, tu pode jogar com cuidado, mas tu consegues jogar futsal. Não é aquele jogo que ‘ah, alguém que não consegue jogar ou alguém que não consegue acompanhar e joga muito mal’ não tem isso, então, sai jogo (Trecho da entrevista com Artur, 07/10/2020).

Evidenciou-se então, que embora seja necessário conhecimento prévio do jogo, e necessário certa qualidade técnica, o principal fator é o bom senso do/da participante. Bom senso para perceber como contribuir para o grupo e o jogo. O jogo do grupo parece ter certo equilíbrio, e uma pessoa que entra de fora, sem este cuidado, seja ela muito ou pouca habilidosa pode desequilibrar esta harmonia encontrada pelo grupo. Esse comentário de Artur quando diz que “se for muito bom, que consiga dosar” é fundamental para o bom andamento da partida. Enquanto observava os jogos, percebia que em determinados lances havia uma dosagem dos mais habilidosos e fortes para que não se desequilibrasse determinada disputa de bola, assim ‘oferecendo’ ao lance, não cem por cento de sua capacidade. Mesmo em uma disputa entre dois homens por exemplo. Os participantes parecem ter encontrado um limite de esforço no que se refere a embates físicos, e que este limite não se ultrapassa, mesmo no caso de a disputa ser entre pessoas do mesmo sexo e/ou qualidade técnica. Acredito que outra palavra-chave, além do bom senso, para descrever este equilíbrio encontrado pelo grupo é equidade.

4.3 Equidade na partida de futsal misto

No grupo, há integrantes com boa qualidade técnica, integrantes fortes, velozes, entre outras características, independente de sexo. Uns/umas mais outros/outras menos, como todo grupo/jogo visando lazer no esporte. E o grupo também é 'atingido' por estes fatores. A tentativa do grupo é que essas diferenças diminuam o máximo possível, mas mantendo a competitividade do jogo. Então, há diferenças não só de sexo, mas de valências físicas e técnicas entre os participantes. Débora, em determinado trecho da entrevista comentou: "Mesmo as meninas que jogam muito bem, ainda tem uma técnica inferior aos meninos que jogam muito bem". Embora seja possível relativizar essa afirmação, pude perceber observando os jogos, que os homens com maior habilidade e força no grupo, nem sempre conseguem/desejam imprimir cem por cento de dedicação do seu potencial em todas as jogadas, justamente para não desequilibrar essa harmonia encontrada pelo grupo ao jogar de maneira mista. Já as mulheres do grupo que possuem habilidade técnica do mesmo nível destes homens, percebi que elas podem livremente impor sua dedicação máxima de potencial. Um exemplo já citado, foi a afirmação de Débora, ao dizer que as mulheres podem chutar livremente, inclusive tendo algumas que chutam mais forte que alguns homens do grupo conseguiriam. Karen trouxe ainda opinião de que ao jogar com homens que possuem boa técnica (pelo menos para a exigência que este jogo requer) elevam a exigência técnica das mulheres do grupo, que necessitam dedicarem-se ainda mais, e na visão dela, isso é positivo.

"A cada bola que tu pega. tu tenta fazer o melhor. O melhor lançamento, o melhor passe. Porque tu sabe do outro lado tem uma técnica melhor... acho que isso é super positivo de jogar com o público masculino. Além do que eles correm muito mais. Então para tu chegar perto deles, tu tem que dar sempre o teu melhor. E isso é super positivo". (Trecho da entrevista com Karen, 08/10/2020).

Karen nesta afirmação, considerando que os homens do grupo, elevam o nível de exigência técnico e físico da partida, quando comparado ao futebol que ela sempre teve costume de jogar, entre mulheres. Ela vê como um fator positivo.

Então os homens por terem mais força física, pelo menos neste grupo, aceitam de maneira um tanto quanto implícita (existe certa combinação neste sentido, mas não é algo tão claramente exposto) imprimir menos força em seus chutes e disputas físicas. E pelo mesmo motivo (de serem mais fortes), aceitam que as mulheres façam o seu melhor, mesmo que às vezes os superando no quesito força física. Mas isso não parece incomodar os homens, Mateus afirmou não existir em sua opinião problemas/dificuldades em jogar com as mulheres. Artur além de concordar com Mateus, fala sobre a necessidade de cuidado entre os/as participantes, principalmente por parte dos homens: “O homem por normalmente ser mais forte ele tem que ter um cuidado maior, mas a mulher eu acredito que também tem que ter um cuidado entre elas e até com o homem” (Trecho da entrevista de Artur, 07/10/2020). Ressaltando que a mulher também precisa ter seus cuidados, visto que também é capaz de produzir uma força desproporcional para os ‘acordos’ do jogo, que é exigido antes de tudo, bom senso. Luana, que teve sua caminhada na modalidade, jogando entre os homens, visto que ela e mais uma menina apenas de seu bairro jogavam, ficando uma para cada time, aprendeu a jogar desta maneira. E nas participações posteriores que teve jogando somente com mulheres, percebeu diferenças, e comentou a respeito: “Até a questão de agressividade também porque quando tu joga com guri, a maioria dos guris ao menos respeita essa questão física, de não chutar forte, de não ter muito contato físico e quando é só guria aí rola empurrão, coisas que eu não tô habituada”. Isto porque de maneira geral, o futebol ao ser praticado entre pessoas do mesmo sexo, independentemente de ser como lazer ou competição, tende a não levar em questão possíveis diferenças técnicas ou de força nas disputas de bola, prevalecendo a capacidade de cada participante. Há menos espaços para estas diferenças. Diferentemente do misto, ao menos no caso deste grupo. Sobre essa questão, Fabrício trouxe a sua versão de como ele vê o futebol praticado quando somente entre homens comparando de como se dá no misto,

afirmando haver essas diferenças, visto que no futebol de homens, não existe tanto esse cuidado sobre embates físicos. Assim como o depoimento de Luana, sobre jogar entre mulheres, onde diminuiu esse cuidado.

“Às vezes tem que tirar um pouco da força. Quando eu comecei a jogar o misto, às vezes eu não media a força sabe. Às vezes dava umas trombadas meio forte, não conseguia frear. E no masculino tu não precisa frear. Tu pode ‘bater’ na pessoa, no ombro a ombro. Não bater de briga”. (Trecho da entrevista com Fabrício, 07/10/2020).

Sobre o termo equidade, é uma palavra cuja origem etimológica remete à justiça no aspecto moral e ético do direito em uma dada sociedade (HOUAISS; VILLAR, 2001). Traduzindo para o futsal jogado pelo grupo, é a percepção de que há diferenças, além do sexo, técnicas, força e experiências dentro da modalidade, entre os participantes, além e principalmente da integração de homens e mulheres disputando a partida. Como constatado nas entrevistas, os seis entrevistados não tinham experiência de participar de fato de futsal misto antes da entrada no grupo. Logo era uma novidade ao participarem. Visto tais diferenças existentes, ou o grupo aceitava e acolhia tais diferenças, ou talvez nunca tivesse se formado tal grupo. Na obra “Por uma Teoria da Justiça”, a palavra equidade traz o sentido de ajudar a formar um esquema justo de ordenação social, um “esquema de cooperação” para a vantagem de todos (RAWLS, 2002, p.80). Essa definição encaixa-se perfeitamente na tentativa de descrever como se dá o jogo, uma busca para que todos tenham condições muito próximas na disputa, mesmo tendo um tom competitivo durante a partida. É um constante equilíbrio, que por raras vezes, perde-se essa homeostase, mas que logo reequilibra-se. Mesmo no caso observado da partida, em que uma mulher convidada não estava no nível técnico do jogo, e mesmo que tenha encontrado reprovação para outras futuras partidas, percebi que o grupo tentou manter ela inserida na partida, realizando passes e apoio moral para que ela continuasse motivada no jogo, assim como quando ela recebia a bola, dava-se mais tempo e espaço por parte da equipe adversária para ela tentar realizar a jogada com maiores chances de êxito. Da mesma forma, como os homens com mais experiência na modalidade, mais força e técnica, dosam sua participação no jogo, agindo para que o jogo flua da

maneira mais coletiva e sem imporem sua capacidade física sob seus oponentes, seja um homem, seja uma mulher.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol é uma das atividades físicas mais praticadas pelos brasileiros no seu tempo de lazer. Desde muito cedo, principalmente meninos são incentivados a jogar futebol. Essa cultura está presente na vida dos brasileiros há muitas décadas. Olhando para o passado, cem anos atrás por exemplo, já existiam diversos clubes profissionais de futebol de homens. Quanto às mulheres, os primeiros e raros clubes surgiram cerca de quarenta anos atrás, assim como as competições oficiais sendo muito recentes. Ainda no ramo profissional, nem se compara as diferenças salariais, de visibilidade, número de clubes e de jogadores registrados, entre os sexos.

Esse quadro não é por acaso. Durante esse período, dado como exemplo, de cem anos, em nosso país, houve inclusive lei que proibia mulheres em esportes que envolviam força e disputa física, como no caso do futebol.

Ao longo dos tempos, o futebol foi atribuído ao homem, não havendo espaço para mulheres. Meninas não eram incentivadas a praticar esporte, muito menos o futebol. O que havia de espaço para mulheres no esporte, eram para práticas que não envolviam tanto esforço físico. Meninas que eram o desvio padrão, e apaixonavam-se pelo esporte, sofriam resistência da sociedade, inclusive, possivelmente de seus pais/e ou responsáveis.

No entanto, essa cultura têm sido rompida, pouco a pouco, por elas. A própria ciência também reviu seus conceitos, e hoje o desenvolvimento de força, é indicada para todos e todas. Logicamente uma cultura não se desfaz assim tão facilmente, e ela reverbera com bastante força ainda.

No âmbito do lazer, basta ir a qualquer parque ou ginásio esportivo, para presenciar mais homens do que mulheres praticando futebol. Lembro-me em minha infância e adolescência, de muito raramente presenciar jogo de mulheres nos locais em que ia jogar futebol. As raríssimas exceções, era de haver uma ou outra menina participando junto aos homens, como no caso da Luana, integrante do grupo estudado. Porém, nos dias de hoje, não é mais surpresa para nenhuma pessoa, ao ir a um parque ou ginásio, e encontrar um jogo exclusivamente de mulheres acontecendo. Assim como ao ligar a TV,

encontrar um jogo profissional de mulheres sendo transmitido. Mas, ao passo em que isto ocorre, também não é estranho de se ouvir, questionamentos e preconceitos com estas meninas e mulheres.

Com minha caminhada em um Curso de Licenciatura, tive a oportunidade de perceber, que muitas vezes a separação e diferenciação entre os sexos começa desde muito cedo, na própria escola. No qual, de maneira intencional ou não, professores reforçam essa cultura, de que há determinadas atividades ou qualquer outra coisa, que são para esse ou aquele sexo. Logo, as crianças desenvolvem-se com oportunidades diferentes e desiguais por ser menino ou menina. No caso, esportivo e/ou atividades físicas, meninos tendem a vivenciar mais práticas do que as meninas, se este fato não for bem observado pelos professores de educação física e também, é claro, pela família e responsáveis pela criança, que devem, ou pelos menos deveriam incentivar a criança a praticar atividades físicas. Acredito que isto já mudou bastante, embora ainda se faça presente.

Como consequência, de maneira geral, na idade adulta, teremos homens com mais bagagem esportiva do que mulheres. Sabendo disto, ao me deparar com este grupo que pratica futsal misto, considerei ser um rico campo de estudo sobre esses fatos, e ao fazer a pesquisa bibliográfica, pude ter certeza que enquanto professor de educação física, devo emancipar essas questões na escola, oportunizando aos alunos refletirem sobre, e incluir atividades esportivas em que participem juntos, e mesmo nas atividades que não sejam mistas, ter o máximo de cuidado para não estar, através de minhas aulas, reforçando estes estereótipos e dando menos oportunidades para determinado sexo em uma prática que possa ser considerada pelo senso comum, como indicada para o sexo oposto. Também pude perceber, no grupo, a força da cultura generificada do futebol na prática. Tendo os homens do grupo, maiores vivências esportivas sistematizadas, como participação em escolinhas de futebol. Incrível ver, que Karen e Luana, duas das entrevistadas, no que se refere a qualidade técnica de jogo, sendo talvez, as melhores jogadoras do grupo entre as mulheres (e técnica igual/semelhante/superior – dependendo da opinião pessoal de cada observador - as dos homens do grupo), elas terem participado de escolinhas de futebol quando crianças. Isto é,

tiveram a oportunidade de desenvolverem suas capacidades técnicas através de sistematizações. Quantas mulheres que nunca tiveram essa oportunidade quando crianças, hoje poderiam ser praticantes de futebol? Ou indo até mais além, quantas dessas mulheres hoje não poderiam ser uma Marta?

As duas categorias de análises encontradas após as entrevistas – Jogo Pegado x Jogo Tranquilo e Equidade – acredito ser temas interessantes de dialogar com alunos durante as aulas de Educação Física, pois normalmente ao dar aulas de futebol para os alunos, os/as mais habilidosos/habilidosas tendem a tomar conta do jogo, excluindo os/as menos habilidosos/habilidosas. Em um jogo competitivo, deve haver essa tentativa de impor-se sobre o outro, mas, nas aulas de educação física esse não é o propósito. E se o professor não atentar a isto, vai reforçar esse fato.

Então, acredito que seria uma boa opção fazer alunos refletirem após jogarem nas aulas como ‘sempre ocorre’ e depois propor um desafio onde deve-se buscar respeitar as limitações de cada colega, e fazendo com que todos consigam participar tendo oportunidades com a bola nos pés. No grupo estudado, isto ocorre, e mesmo que todos/todas tenham condições técnicas de participar, há diferenças entre os/as participantes, e mesmo sem deixar a competitividade da partida de lado, o grupo conseguiu encontrar um caminho do meio, combinando competitividade com equidade. Outro ponto que considero interessante de desenvolver na escola, seria no sentido de fazer os alunos refletirem sobre a importância de permitirem-se oportunizar participar das mais variadas atividades/esportes propostas, pois pode haver neles, um talento e gosto para um esporte, que se não se permitirem participar, nunca descobririam, podendo no futuro, ser um profissional ou simplesmente um praticante, ressaltando que um dos males da sociedade contemporânea é o sedentarismo.

Ainda sobre a força da cultura existente na sociedade, fica claro diante da expectativa dos homens antes da primeira partida com o grupo, confirmando a generificação do futebol, pois achavam que não estavam indo participar de um jogo que exigiria dedicação por parte deles. Assim como a expectativa das mulheres do grupo que demonstravam preocupação por achar que os homens não teriam capacidade de dividir as quadras com elas, que não teriam

capacidade de acolher as possíveis diferenças que surgiriam no jogo entre os sexos, demonstrando que elas sentem-se menos experientes e fortes diante do público masculino.

Pude perceber então, que apesar das diferenças histórico-sociais quanto a prática do futebol entre os sexos, e estas diferenças estarem evidenciadas neste grupo, eles e elas mostraram que é possível jogarem futebol juntos no âmbito do lazer, desde que haja por parte dos/das participantes, algo indispensável: Bom senso. O exercício que este grupo faz de perceber, respeitar e acolher diferenças, pode e deve (ou deveria) ser realizada por todos os seres humanos em todos os setores da vida, para toda e qualquer relação humana, em busca de um mundo mais cooperativo, inclusivo, harmônico e unido. E prevejo que nas próximas décadas essa integração será cada vez mais comum no mundo esportivo, pelo menos no âmbito do lazer, visto a maior inserção de meninas no esporte/futebol desde pequenas, e assim tendo cada vez mais mulheres dominando as técnicas esportivas e do futebol, assim como os homens, extinguindo na sua totalidade o pensamento que futebol é 'coisa para homem'.

Mesmo sendo uma caminhada árdua, e parecendo um pensamento utópico, creio que chegará o tempo em que a humanidade terá tamanha capacidade de acolher as diferenças, sejam elas entre os sexos, religiosas, crenças, culturas, ou o que for, que na prática elas não existirão, e isso será alcançado através da educação, e o esporte é um instrumento valioso.

6 REFERÊNCIAS

ALFERES, Valentim R.; CASTRO, Paulo A.; MÓNICO, Lisete S; PARREIRA, Pedro M. **A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa.** CIAIQ 2017. V. 3 (2017): Atas- Investigação Qualitativa em Ciências Sociais. Disponível em: <<https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1447>>. Acesso em: 06 de novembro de 2020.

BARRETO, Soraya (2016). **A representação feminina na mídia desportiva: o caso Fernanda Colombo.** Observatorio (OBS*) Journal, 10 (1), 137-149. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-59542016000100008>. Acesso em 08 de novembro de 2020.

ELLER, Guilherme. **A ascensão do futebol feminino: a hora e a vez das mulheres no esporte.** Revista Superinteressante. 2019. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/especiais/a-vez-do-futebol-feminino/>> Acesso em: 07 de novembro de 2020.

DUNNING, E. **O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações.** In: ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação.* Lisboa: Difusão Editorial, 1992. p. 389-412.

FRANZINI, F. **Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol.** Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882005000200012>. Acesso em: 08 de novembro de 2020.

LAGUNA, Jeannie; FONTOURA, Luciana da; VIEIRA, Nara; LOUREIRO, Luciano Leal. **CORFEBOL: UMA FERRAMENTA DE INTEGRAÇÃO DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.** 2015. Disponível em: <<http://www.conferencias.ulbra.br/index.php/sicta/sicta16/paper/viewFile/4342/1946>> . Acesso em: 07 de novembro de 2020.

LEAL, Márcio Armelau; OLIVEIRA, Flavia Fernandes de. **O Corfebol nas aulas de educação física.** In X EnFEFE - Encontro Fluminense de Educação Física Escolar. 2006. Disponível em: < <http://cev.org.br/biblioteca/o-corfebol-nas-aulas-educacao-fisica/#:~:text=O%20jogo%20misto%20sendo%20ele,vivenciando%20as%20diferen%C3%A7as%20e%20semelhan%C3%A7as.>>. Acesso em: 06 de novembro de 2020.

LIMA, Maria Alice Dias da Silva; ALMEIDA, Maria Cecília Puntel; LIMA, Cristiane Cauduro. **A utilização da observação participante e da entrevista semiestruturada na pesquisa em enfermagem.** Rev. Gaúcha Enferm., Porto

Alegre, v. 20, n. especial, p. 130-142, 1999. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/23461>>. Acesso em: 06 de novembro de 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; ALMEIDA, Marco Antônio Bettine de; GUTIERREZ, Gustavo Luis. **Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea**. Movimento. 2007, 13(3), 225-242. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1153/115314345010.pdf>>. Acesso em: 06 de novembro de 2020.

MINAYO, M. C. S. **Amostragem e Saturação em Pesquisa Qualitativa: consensos e controvérsias**. Revista Qualitativa, v. 5, n. 7 (abril), p. 01-12, 2017. Disponível em: <<https://editora.sepq.org.br/index.php/rpq/article/view/82/59>> Acesso em: 07 de novembro de 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COSTA, António Pedro. **Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa**. Revista Lusófona de Educação, Lisboa, v. 40, n. 40, p. 139-153.2018. Disponível em: <<https://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/9313/1/Fundamentos%20Te%3b3ricos.pdf>> Acesso em> 07 de novembro de 2020.

MINISTERIO DO ESPORTE (Brasil). **A prática de esporte no Brasil**. 2013. Disponível em: <<http://arquivo.esporte.gov.br/diesporte/2.html>>. Acesso em: 07 de novembro de 2020.

NETO, Sissilia Vilarinho. **Equidade: apontamentos para educação do corpo**. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 135-148, jan./mar. 2011. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/rbce/v33n1/a09v33n1.pdf>> . Acesso em: 08 de novembro de 2020.

OLIVEIRA, Caroline Silva de. **Mulheres em quadra: o futsal feminino fora do armário. Campo Grande: UFMG, 2008**. (Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de educação física).

QUEIROZ, D. T. et al. (2007). **Observação Participante na Pesquisa Qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde**. Revista de Enfermagem, 15(2), 276-83. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2020779/mod_resource/content/1/Obse%0B%C3%A7%C3%A3o%20Participante.pdf> Acesso em: 07 de novembro de 2020.

RAINHAS DO DRIBLE. **Pesquisa da Unicamp revela dados a respeito da prática do futebol por lazer e aponta números da participação das mulheres**. 2020. Disponível em: <[52](https://rainhasdodrible.com/2020/02/17/a-</p></div><div data-bbox=)

cada-mil-mulheres-quatro-jogam-futebol-por-lazer/>. Acesso em: 08 de novembro de 2020.

REIS, Fabio Pinto Gonçalves dos; ARRUDA, Ivan Eduardo de Abreu. **Uma história do futebol feminino brasileiro: superando preconceitos**. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Ano 16, Nº 163, Dezembro de 2011. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd163/uma-historia-do-futebol-feminino-brasileiro.htm>> .Acesso em: 08 de novembro de 2020

SILVEIRA, Raquel. **Esporte, homossexualidade e amizade: estudo etnográfico sobre associativismo no futsal feminino**. Porto Alegre: UFRGS, 2008, (Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Educação Física).

SILVEIRA, S.; STIGGER, M. P. **Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre**. Rev. Bras. Ciênc. esporte, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 179-194, jan./mar. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892013000100014> Aesso em: 07 de novembro de 2020.

SENADO FEDERAL (Brasil). **Decreto lei nº 3.199 de 14 de abril de 1941**. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 07 de novembro de 2020.

STAKE, Robert E. **Pesquisa Qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Tradução: Karla Reis; revisão técnica: Nilda Jacks. Porto Alegre: Penso, 2011. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=OjA9DQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA1&dq=pesquisa+qualitativa&ots=hZkDf-Hf_P&sig=r2O8_AT6h4K-k_StqVcX1mdwOSk#v=onepage&q=pesquisa%20qualitativa&f=false>. Acesso em: 07 de novembro de 2020

STIGGER, M. P. **Esporte, lazer e estilo de vida: um estudo etnográfico**. Campinas: Autores Associados, 2002.

TUZZO, S. A.; BRAGA, C. F. **O Processo de Triangulação da Pesquisa Qualitativa: o metafenômeno como gênese**. Revista Pesquisa Qualitativa, v. 4, n. 5, p. 140-158, 2016. Disponível em: <<https://editora.sepq.org.br/index.php/rpq/article/view/38>>. Acesso em: 07 de novembro de 2020.

7 APÊNDICES

APÊNDICE A- Roteiro para entrevista semiestruturada

Roteiro para entrevista semiestruturada

Dados Gerais:

- Idade:
- Emprego:
- Onde mora? Com quem?
- Estado Civil?
- Como é sua relação com a família?

Sobre Lazer:

- O que faz no tempo de lazer?
- Com quem faz?
- Onde faz?
- Quando faz?

Sobre práticas corporais:

- Que práticas corporais pratica?
- Com quem?
- Quando?
- Desde quando?
- Como Começou?

Sobre o Futsal:

- Como iniciou a jogar futebol?
- Com quem?
- Onde?
- Quando?
- Família incentivava?
- Por que futsal e não outro esporte?
- Quando iniciou a jogar de forma mais sistemática? Já competiu? Gosta de competição?

- Onde você insere o futsal em sua vida? Qual a importância? Se for importante para você, desde quando é?
- Que aspectos você valoriza nesta prática?
- Houve algum episódio ou pessoa importante nesse período de prática? Por quê? Qual foi?
- Parou de praticar futsal em algum momento de sua vida?

Sobre o futsal misto:

- Antes da primeira partida, qual era a expectativa de jogar desta maneira?
- A expectativa se confirmou?
- Algo lhe surpreendeu?
- Percebe alguma diferença no jogo misto em relação ao jogo entre pessoas somente do mesmo sexo?
- Algo lhe agrada mais?
- Algo lhe agrada menos?
- Você muda algo no seu estilo de jogar no jogo misto?
- Há ou já houve algum fato envolvendo participante do outro sexo que lhe incomodou?

Sobre o grupo em particular:

- Além dos jogos mistos deste grupo, já participou com outros grupos? Há diferenças e/ou semelhanças da partida?
- O que mais te agrada neste grupo?
- O que mais te desagrada neste grupo?
- O que te motivou a permanecer neste grupo?
- Como você descreveria brevemente este grupo e jogo?
- Como você se sente após a partida?
- O que você considera como um bom participante deste grupo? Depende de algo? Do que?
- Esta definição de bom participante muda de acordo com o sexo?
- Você sente diferenças no jogo misto do jogo só com participantes de um sexo?